



## **O passado não é o que costuma(va) ser: por uma outra história das teorias da Comunicação<sup>1</sup>**

Rafiza Varão<sup>2</sup>  
Universidade Católica de Brasília

### **Resumo**

O estudo sobre as origens da Comunicação como campo do saber e sobre suas teorias fundadoras, a fim de instaurar suas fronteiras sobre bases históricas, ainda é, em larga medida, um trabalho que exige esforço, dadas as várias versões sobre o surgimento da área, além das muitas posições que os pesquisadores assumem em relação àquilo que consideram comunicação. No empreendimento de se constituir uma história das teorias da Comunicação é usual a ausência de reflexão sobre a própria Comunicação, optando-se, normalmente, pelo caminho da compilação de teorias, oriundas de diversas áreas, elencando o que, aqui e ali, foi um dia usado como “teoria da comunicação” – ou entendido como –, sem necessariamente partir-se de uma reflexão epistemológica. Este artigo discute a necessidade de tal reflexão na formação de uma história das teorias da Comunicação, propondo um novo olhar sobre estas últimas.

### **Palavras-chave**

Epistemologia; Teorias da Comunicação; História

### **Introdução**

“A ausência da história, ligada a uma ausência de auto-reflexão, reforça o *status quo* da teoria e da prática como a-histórica e acrítica”

Hanno Hardt

O trabalho de coser dentro do tecido das Ciências Sociais as linhas que demarcam a especificidade da Comunicação enquanto ciência pode ser considerado lento e árduo, carregando consigo a sensação do muito por fazer. Um dos pontos mais difíceis de cingir nesse tecido diz respeito à origem e a formação do arcabouço teórico considerado pertinente à área. Os estudos sobre essa gênese costumam sofrer dos males comuns a esse tipo de empreendimento em todas as áreas do conhecimento, além de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Teorias da Comunicação.

<sup>2</sup> Rafiza Varão é jornalista pela Universidade Federal do Maranhão e mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília. Atualmente, ministra aulas nos cursos de Comunicação da Universidade Católica de Brasília e da Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas - Facitec. E-mail: [rafiza@gmail.com](mailto:rafiza@gmail.com).



males mais particulares, verdadeiras “endemias”. No primeiro caso, temos uma questão que perpassa qualquer composição de uma história: a diversidade de versões que existem sobre o passado, o que, em todas as medidas, é compreensível. Como afirma Keith Jenkins no pequeno mas esclarecedor *Repensando a História*, tal fato não é exatamente um problema, posto que o passado – objeto de estudo da História, mesmo aquela que hoje se intitula “história do presente” –, “já aconteceu. (...) O passado já passou” (Jenkins, 2001, p. 23), estando ausente para sempre. Dessa forma, nenhum relato conseguiria dar conta por completo do passado conforme ele aconteceu, nem torná-lo cem por cento consensual, não existindo, portanto, uma história definitiva. “(...) a ‘história’ são na realidade ‘histórias’, pois nessa altura já deveríamos parar de pensar na história como se ela fosse uma coisa simples e bastante óbvia” (Idem, ibidem, p. 20).

Assim, a variedade de versões que encontramos disponíveis sobre o surgimento e a formação do arcabouço teórico do campo da Comunicação, como aquelas que dizem respeito à busca constante de uma “figura paterna”, que hora é reconhecida em Harold Lasswell, ora em Wilbur Schramm<sup>3</sup>, não seria exatamente um problema, se, de fato, essas “histórias” não fossem um reflexo de algo mais profundo, que, acima, nós citamos como males mais particulares, embora não sejam, também eles, exclusivos: a carência de ponderação crítica sobre os limites da área (a interdisciplinaridade justifica tudo e a Comunicação se torna, ao mesmo tempo, terra de ninguém e terra de todo mundo, um lugar que não existe), a naturalização de conceitos-chave<sup>4</sup>, como se estes fossem dados (o conceito de meio de comunicação, por exemplo), a não-historicização da Comunicação, a aceitação de idéias gerais como “evidência empírica ou ‘dogma teórico’” (Martino, 2004, p. 3). Afinal, como traçarmos fronteiras históricas para o campo da Comunicação, se nem ao menos sabemos (definimos) o que é Comunicação? E como definir o que é uma teoria da Comunicação, se, além de não possuímos um conceito para a questão anterior, aceitamos os fenômenos comunicacionais como algo que sempre esteve aí, contíguos e iguais a si mesmos? Se a Comunicação é “terra que não existe”, como exigir que ela permaneça enquanto área do conhecimento? Como se fazer uma história das teorias da Comunicação se não sabemos onde estamos pisando (o

---

<sup>3</sup> Cf. WAHL-JORGENSEN. O próprio Wilbur Schramm identificava Lasswell, juntamente com Paul Lazarsfeld, Carl Hovland e Kurt Lewin, como os legítimos fundadores do campo da comunicação.

<sup>4</sup> MARTINO, Luiz C. Anotações de aula. Colhidas na Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, 2007.



que nos traz a memória aquele velho adágio segundo o qual é difícil encontrar algo se não sabemos o que estamos procurando)? Essas são dificuldades muito maiores e cuja transposição se revela hoje muito mais urgente na escritura de uma história das teorias da Comunicação do que simplesmente lidar com a diversidade das versões existentes sobre a gênese desse conjunto de conhecimentos, diversidade, essa, que vem servindo já há um bom tempo como justificativa para a produção de “histórias” que compilam daqui e dali o que, com pouco critério, é definido como Teoria da Comunicação<sup>5</sup>. Obviamente, a compilação não é em si um mal, mas a falta de critérios que permeiam a sua confecção complica, inclusive o entendimento do que pode ser considerado uma teoria da Comunicação.

A rigor, o único livro que dispomos em edição brasileira sobre a história das Teorias da Comunicação é o de Armand e Michèlle Mattelart, intitulado *História das teorias da comunicação*, onde os autores, partindo da idéia da multiplicidade de sentidos que o termo comunicação recobre, traçam, justamente, um panorama vasto, conforme apontamos como tendência nas obras a esse respeito, agrupando, num mesmo elenco, Peirce e Lasswell, Shannon e Adorno, McLuhan e a Escola de Palo Alto. Há na obra uma ausência de explanação de critérios para que todos esses autores (e idéias defendidas), entre outros, se encontrem reunidos sob a mesma insígnia da teoria da comunicação. Outros autores fazem o mesmo, embora trabalhando com outra designação para esse arcabouço teórico, como Bernard Miège, e seu *O pensamento comunicacional*, e José Marques de Melo em *História do pensamento comunicacional*. Nesse caso, entretanto, tanto Miège quanto Marques de Melo estão trabalhando com a idéia de um aparecimento histórico mais bem demarcado daquilo que seria um saber sobre a comunicação, que, conforme indicam os títulos das obras, é chamado de pensamento comunicacional. Esse, aliás, é um conceito de que se revela importante na demarcação das teorias da comunicação e que será discutido mais tarde neste artigo.

Existem, ainda, outros livros que, ao elencarem as teorias da Comunicação, a partir da proposta de dá-las a conhecer, fazem, de certa forma, uma história das teorias da Comunicação também: é o caso, por exemplo, de *Teorias da Comunicação*, de Mauro Wolf, e *Teorias da Comunicação de Massa*, de Melvin Defleur e Sandra Ball-

---

<sup>5</sup> A autora faz aqui um *mea culpa*, ainda que tal procedimento seja pouco comum num artigo científico. Somente após dois anos lecionando as disciplinas Teoria da Comunicação I e Teoria da Comunicação II, percebeu que ela mesma não possuía critérios muito bem definidos para estabelecer o conteúdo programático das disciplinas, estando muito voltada a mera compilação dos manuais.



Rockeach, dois dos livros mais utilizados nas faculdades de Comunicação Social brasileiras. Esses três autores, embora ainda tracem panoramas por vezes escorregadios quando procuramos entender quais foram os critérios de seleção de suas listas<sup>6</sup>, apresentam uma maior clareza em relação a suas escolhas: ambas as obras trabalham com um recorte temporal ligado às inovações tecnológicas e sua preponderância na sociedade contemporânea (ponto que será importante na discussão que traçaremos no terceiro tópico deste artigo). Assim, levando em consideração todas essas diferentes versões e posturas, temos fragmentos de uma história complexa e contraditória, abarcando desde problemas colocados pela retórica antiga, pela cibernética, passando pelo modelo empírico-funcionalista até o estruturalismo.

Este artigo, portanto, defende a urgência em se estabelecer um alicerce epistemológico para a construção de uma história das teorias da Comunicação, propondo um novo olhar sobre estas últimas, e entendendo que, somente assim, poderemos traçar um panorama que não seja apenas baseado numa compilação que, para usar as palavras de Keith Jenkins sobre o mote da História, entenda a questão das Teorias da Comunicação como uma coisa bastante simples e óbvia. Não é nossa intenção neste artigo, contudo, estabelecer quais são as Teorias da Comunicação, questão longe de ser solucionada por completo, nem sequer contar a sua história. Como apontado por Martino,

(...) procurar verificar todo o trabalho de institucionalização das teorias em relação ao campo seria um longo trabalho, que além de colocar em jogo o sistema de forças presentes na formação do leito por onde passam as águas do conhecimento comunicacional (...) ainda teria que resgatar as vicissitudes da história de cada instituição de geração de conhecimento, ela mesma ancorada na história e vicissitudes da nação onde se encontra (Martino, 2002, p. 9)

Também não é nosso interesse fazer uma revisão de todas as obras que falam sobre o tema. O objetivo, aqui, destarte, é bem mais humilde, embora o consideremos indispensável na formatação de todos os outros descritos acima. É, talvez, um dos primeiros passos exigidos para que se consiga galgar os outros. Em primeiro lugar, este artigo reflete um pouco sobre os problemas que cercam a área da comunicação. Em seguida, discutimos aspectos mais conceituais. Trata-se de alinhar âncoras para se

---

<sup>6</sup> Wolf, por exemplo, volta suas atenções mais intensamente a tradição norte-americana da *mass communication research*, mas não deixa de fazer referência àquilo que ele denomina “modelo semiótico-informacional” e “modelo semiótico-textual”, ou então aos *cultural studies*.



pensar as teorias da Comunicação a partir da proposta de uma delimitação do campo que passe pela reflexão daquilo que pode ser tomado como comunicação pela Comunicação e pelo entendimento que tal dado é um objeto – assim como o corpus teórico que se constitui em torno dele – algo que emerge historicamente. Trata-se de apontar, em linhas gerais, algumas questões epistemológicas, que, a nosso ver, se revelam como importantes pontos de ancoragem a uma história por fazer: a história das Teorias da Comunicação.

### **Tensões inevitáveis**

Em primeiro lugar, antes de demarcarmos o que pode ser tomado como comunicação para a Comunicação, ou seja, tomado como objeto de estudo da área, é válido fazermos um breve sobrevôo, em linhas gerais, sobre algumas tensões que permeiam essa definição. Demarcar o que pode ser comunicação para a Comunicação também pode nos oferecer linhas mais resistentes sobre que teorias podem ser consideradas da Comunicação. É essa definição que deve guiar um novo olhar sobre o corpus teórico da Comunicação. Como dito antes, se não sabemos conceituar o termo que nos identifica, tampouco saberemos sobre o que estamos falando ou sobre o que outros estão falando – ou mesmo de que tratam as Teorias da Comunicação e quais são elas. O termo comunicação é marcado, como apontam diversos autores, pela multiplicidade de sentidos, sendo associado às mais diversas práticas, desde a simples conversa entre duas pessoas até a troca de bits entre uma máquina computacional e outra, na maioria das vezes em visões marcadas pelo senso comum, o que acaba conformando definições muito imprecisas por parte até mesmo daqueles que tentam entender a comunicação de maneira mais científica. É o caso, por exemplo, de Luiz Beltrão e Newton de Oliveira Quirino, no antigo *Subsídios para uma teoria da comunicação de massa*, quando afirmam que “Comunicação é o processo de comunicar” (Beltrão e Quirino, 1986, p.117). É para essa polissemia e a esse esvaziamento do conceito que Martino nos chama a atenção quando afirma que

A princípio, ele é empregado para designar as relações entre homens mediadas pela palavra, gestos ou por imagens, mas o termo também se aplica às relações entre animais ou ainda entre máquinas. Acrescenta-se também a esta lista certas relações da matéria com a matéria (transmissão de energia, código genético...) e a relação dos homens com os deuses (ou com Deus) e com os mortos (Martino, 2001, p.53).



Aparentemente, portanto, o vocábulo comunicação acaba abrangendo todas as zonas da experiência humana e não-humana, o que, no final das contas, faria dele um elemento que recobriria todo e qualquer fenômeno, sendo também a-histórico. Obviamente, essas acepções não estão erradas no sentido estrito da palavra, mas comprometem o nosso entendimento sobre o que pode ser tomado como objeto de estudo específico do campo da Comunicação, ou em outras palavras, como dissemos no início deste tópico, o que é comunicação para a Comunicação. Além disso, saindo do âmbito das definições onde prevalece o senso comum – e que, por vezes, impregnam o discurso científico sobre a comunicação –, temos também que lidar com a multiplicidade de sentidos apresentados a partir de tentativas mais científicas de se construir um conceito de comunicação e aprofundar um conhecimento acerca da área.

De acordo com Sid Terason,

Os pesquisadores da comunicação têm tentado assiduamente definir o termo comunicação desde o começo dos anos 50. Como evidência, Dance e Larson (1976) compilaram 126 definições na obra *Funções da comunicação humana: uma aproximação teórica*.<sup>7</sup> (Terason, 2005, p.131).

Observa-se que a definição de comunicação, mesmo entre os pesquisadores da área, está longe de ter um consenso mínimo. Essa falta de consenso está na origem mesma das pesquisas em comunicação no século XX, quando, de fato, como veremos adiante, começa realmente a se formar um pensamento teórico propriamente dito sobre a comunicação. Nesse início, e ainda hoje, esse pensamento é atravessado por contribuições de muitas disciplinas que, em dados momentos, esboçaram, de forma mais ou menos acabada, as singularidades do fenômeno comunicacional. Schramm já afirmava, na década de 50, que o campo da Comunicação era um lugar de trânsito intenso, onde sociólogos, psicólogos, economistas, entre outros, circulavam livremente. Mesmo aqueles que hoje chamamos de pioneiros, na primeira metade do século passado, também identificados por Schramm, eram estrangeiros (o que constitui uma obviedade, visto que o campo não existia). Como nos explica Terason,

Desde o início do século passado, a conceitualização do termo comunicação atraiu muitos pesquisadores de outras disciplinas, como aqueles das ciências sociais e das ciências humanas, ao campo da comunicação. Décadas depois, estes pesquisadores conduziram estudos empíricos numa tentativa, ao mesmo tempo,

---

<sup>7</sup> No original: “Communication scholars have assiduously attempted to define the word communication since the early 1950s. As evidence, Dance & Larson (1976) compiled 126 definitions in *The functions of human communication: a theoretical approach*”. Tradução sugerida pela autora.



de compreender e explicar o processo de comunicação, além de criar teorias válidas sobre ele<sup>8</sup> (Idem, *ibidem*, p.131).

Esse atravessamento, entretanto, acarretou, juntamente com a polissemia do termo comunicação, desde sua origem a visão do campo como interdisciplinar, um saber que não conseguiria firmar-se como disciplina, pois, por outro lado, esse atravessamento também gerou uma confusão no tocante a delimitação de um objeto de pesquisa próprio da área. Esse caráter interdisciplinar é, por muitas vezes, reivindicação de muitos estudiosos, que apelam a ele no sentido ou de torná-lo, estranhamente, a “particularidade” da Comunicação, ou de, em outro sentido, afastar a Comunicação de um estatuto disciplinar. Autores como Francis Balle (1994) e Daniel Bounoux (1998) por exemplo, rejeitam prontamente a idéia de uma Comunicação disciplinar. Balle chega mesmo a afirmar ser desnecessário tentar alçar a Comunicação ao status de ciência, posto que não seria mais do que um “saber mosaico”, uma colagem de todos os estudos de diversas áreas sobre o fenômeno comunicacional. E, para Bounoux, “É preciso (...) que nossa comunicação permaneça essa coisa turbulenta e vaga, da qual não há nem ciência nem técnica, mas que está acima e enquadra maior parte delas” (Bounoux, 1998, p. 18).

Assim, até hoje, a interdisciplinaridade serve como álibi a uma série de discursos que, ironicamente, ao se colocarem como “último grito”, acabam se afastando mais e mais da problemática da comunicação e se aproximando, mais e mais, da problemática de outras áreas, transformando a Comunicação em nota de rodapé e esgotando o sentido de se pensar uma especificidade para a área.

Todas essas colocações nos expõem dificuldades com as quais devemos nos confrontar ao tentarmos estabelecer uma história das teorias da Comunicação sobre bases conceituais e epistemológicas mais fortes<sup>9</sup>. Mas, ora, como construir uma história das Teorias da Comunicação diante de tal quadro e fugindo dessa função guarda-chuva do termo – defendido por muitos? Trazendo, justamente, a dimensão histórica para as investigações sobre a Comunicação.

---

<sup>8</sup> No original: “Since the early 1900s, the conceptualization of communication attracted many scholars away from other disciplines, such as social sciences and humanities, into the field of communication. For decades thereafter, these scholars have conducted empirical studies both in an attempt to understand and explain communication process as well to create workable theories about it”. Tradução sugerida pela autora.

<sup>9</sup> É evidente que existem outros problemas relacionados à formação de um constructo sólido sobre as origens da comunicação como campo do saber, como aqueles próprios que se colocam quando do estabelecimento de uma epistemologia da comunicação, da qual as pesquisas históricas também fazem parte. Entretanto, optamos por um sobrevôo enxuto.





## A necessidade da reflexão

É importante deixar claro que, quando nos propomos a repensar a história das teorias da Comunicação já estamos partindo de uma idéia inicial de que elas nem sempre existiram, mas da percepção de que “As teorias são o produto da prática histórica, dentro de um contexto cultural, que emergem como explicações sobre a sociedade contemporânea”<sup>10</sup> (Hardt, 1993, p.131). Isso quer dizer que esse não é um tipo de conhecimento que consideramos que atravessa toda a história da humanidade, mas emerge num determinado período, fruto das inquietações e questionamentos que explodem a partir de uma “desnaturalização” da comunicação, que passa a ser não mais apenas uma faculdade humana, deixando de ser um fundamento do homem e passa a ser mediada. Trata-se da ascensão de um corpus teórico que amarra suas indagações e leis em torno de formas de comunicação que têm sua expansão a partir do final do século XIX e que se firmam no século XX: os modernos meios de comunicação. Definir esse recorte temporal é, ao nosso ver, essencial, pois a falta de uma delimitação temporal transformaria, como dissemos, a Comunicação num campo que sempre existiu, sem nenhuma singularidade histórica e, sem, conseqüentemente, um objeto de estudo que se impusesse historicamente.

Para defender essa posição, utilizaremos, especialmente, as proposições de Luiz C. Martino, autor que entende o desenvolvimento das pesquisas em Comunicação como resultado da força do impacto histórico da ação das tecnologias de comunicação na sociedade contemporânea, frutos também da própria dinâmica dessa sociedade. Falamos, portanto, da emergência daquilo que Miége chamou de pensamento comunicacional, e que, seguindo Martino, chamaremos de saber comunicacional<sup>11</sup>, que diz respeito ao arcabouço teórico que se formou em torno e sobre a Comunicação, cujo desenvolvimento se dá com mais força a partir da década de 40 do século passado, embora suas bases tenham sido lançadas anteriormente. Podemos, dessa forma, dimensionar de maneira mais precisa a delimitação do que seria o termo, posto que sua construção, assim, se reveste de caráter histórico.

---

<sup>10</sup> No original: “Theories are the product of historical practice, within a cultural setting, that emerge as contemporary explanations of society”. Tradução sugerida pela autora.

<sup>11</sup> Saber comunicacional é um conceito proposto por Luiz Cláudio Martino para designar o conjunto de conhecimentos teóricos que buscam e buscam dar conta do campo de pesquisa da comunicação.





O problema deixa de ser a comunicação como fundamento do Homem (...), mas o sentido histórico que ela assume a partir das importantes transformações ocorridas por volta do século XIX (Revolução Industrial, advento da Cultura de Massa, Sociedade Complexa, emergência da Esfera Pública...). Para essa tendência, portanto, é esta singularidade histórica que libera tanto um objeto de estudo específico (basicamente as formas de comunicação do século XX, notabilizadas pela intervenção da técnica e a mercantilização da informação), como uma disciplina particular dedicada a esse objeto (Comunicação) (Martino, 2001, p.).

Está claro, aí, que temos uma ruptura, um momento em que a comunicação passa a ser um problema de outra ordem que não aquela que nos constitui. A comunicação passa a ser algo que se dá em meios técnicos específicos e que desperta a atenção dos meios acadêmicos a partir do momento em que se tornam cada vez mais presentes no cotidiano das sociedades<sup>12</sup>. Assim, é possível aferir ainda, partindo da afirmação de Martino, que esse sentido histórico nos coloca, não facilmente, mas, ao menos, mas claramente, o aparecimento de um fenômeno delimitado e a construção de um saber histórico sobre esse fenômeno. Além disso, a partir de tais constatações, pode-se também definir mais claramente um lugar para a Comunicação, estabelecendo uma especificidade para o corpo de conhecimentos gerados a partir de então.

O que se coloca, dessa maneira, é um problema que passa, especialmente, pela ascensão daquilo que hoje chamamos de meios de comunicação de massa, que acabam por instituir, nessa ascensão, uma nova dimensão para a experiência social, incitando a comunidade acadêmica a refletir sobre eles, questionando-se sobre o impacto dos meios no seio da vida social. Basta ver, por exemplo, uma das principais indagações da Teoria Hipodérmica, considerada por muitos o primeiro sopro de um pensamento científico sobre a Comunicação: que efeito tem os *mass media* na sociedade? Nesse contexto, os meios de comunicação<sup>13</sup> tornam-se, praticamente, onipresentes. Trata-se de um momento histórico em que a

intervenção da técnica na vida social é cada vez maior; os meios elétricos são abundantes e variados; a comunicação passa a ser vendida; e o espaço onde dá a experiência social, onde algo se torna comum a várias comunidades, o local

---

<sup>12</sup> MARTINO, Luiz C. Anotações de aula. Colhidas na Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, 2007.

<sup>13</sup> De acordo com Martino, os meios de comunicação são “objetos técnicos que guardam uma relação bastante especial com a consciência na medida em que se manifestam como uma extensão da consciência ou, como nós preferimos dizer, como simulação da consciência” (Martino, 2000, p. 110).



onde a vida social, a atualidade, é compartilhada, são os meios de comunicação<sup>14</sup> (Martino, 2007)

Segundo Martino, ainda, esses meios de comunicação possibilitam “a vida para além do espaço comunitário”, permitindo a “geração de valores e representações comuns a todas as comunidades” (Martino, 2000, p. 113). São eles que, no final das contas, vão possibilitar a sensação de uma experiência social comum entre os indivíduos da sociedade. São esses meios de comunicação, que produzem a realidade social mediada, que se tornam alvo de pesquisas oriundas das mais diversas disciplinas, embora eles, em si, não sejam exatamente o foco dos estudos<sup>15</sup>.

Desse modo, podemos estabelecer um território a ser bem cingido para a Comunicação dentro do tecido das Ciências Sociais: um território onde o estudo dos meios é o objeto central, onde a realidade mediada se faz presente de maneira preponderante – o território do pensamento comunicacional.

Esse pensamento não é todo ele, exatamente, um pensamento da comunicação. Conforme vimos, o campo da Comunicação foi sendo formado por um olhar estrangeiro. De acordo com Carlos Araújo, tal consideração é pertinente, pois

Afinal, existe uma imensa quantidade de literatura científica sobre comunicação espalhada entre o conjunto de obras e trabalhos de várias ciências, desde as exatas e biológicas (...) até as ciências sociais (...). Qualquer manual de sociologia, por exemplo, vai elencar, entre os temas dessa ciência, a questão da comunicação. (Araújo, 2007, p.1)

Além disso, mesmo em relação às teorias comumente instituídas como pertinentes ao campo (e que acabam entrando em muitos compêndios que fazem, de forma deliberada ou não, uma história das Teorias da Comunicação), dentro de toda uma tradição de pesquisa científica “que, de diferentes maneiras e em diferentes contextos, apresenta-se como sendo uma área específica, um campo científico, denominado comunicação” (Araújo, 2007, p.2), verificamos que, de fato, entretanto, a demarcação histórica está longe de ser simples e óbvia. Essa é uma questão que também precisa ser repensada sob a luz de apontamentos epistemológicos.

---

<sup>14</sup> MARTINO, Luiz C. Anotações de aula. Colhidas na Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, 2007.

<sup>15</sup> Este, na maioria das vezes, acaba se deslocando entre as outras perguntas da célebre questão-programa de Lasswell: quem? Diz o quê? Com que efeito? Para quem?



Como analisa Martino,

(...) porque grande parte das teorias arroladas não reivindicam a participação no universo da Comunicação; elas não se vêem como “teorias da Comunicação”. São teorias que encontram sua origem em outros campos de estudo, que aí se reconhecem e são reconhecidas; que não reivindicam nem objetivo, nem objeto propriamente comunicacional. (Martino, 2001, p.6)

Conforme avisamos, não é nossa intenção especificar quais são as teorias da Comunicação. Entretanto, esse é um ponto importante de ser assinalado, pois acreditamos que a problemática dessa definição perpassa aquela que defendemos aqui: a de que a sua definição e, conseqüentemente, a própria constituição de sua história, só pode ser definida através do estabelecimento de fronteiras que reafirmam a necessidade de uma reflexão maior sobre os fundamentos conceituais e epistemológicos. Caso contrário, o universo de teorias que pululam aqui e ali no campo da Comunicação continuarão tornando a construção de uma história do saber comunicacional algo sempre muito duvidoso e insondável. Pois,

Sem o marco cardinal de uma definição apropriada de seu saber, ou seja, sem uma reflexão epistemológica sobre os fundamentos e a singularidade de sua disciplina, os comunicólogos se vêem privados do instrumento que lhes permitiria distinguir o que é uma contribuição daquilo que propriamente é um trabalho em comunicação. Por não terem esse parâmetro fundamental, a “disciplina” se abre a todo e qualquer problema que resvale em algum processo comunicacional. Ela está aberta a toda e qualquer teoria, como verdadeiro buraco negro a dragar o conhecimento, de modo a não poder separar o que é seu e o que é de outros. Tudo isso em detrimento de sua caracterização e, pior, sem parecer ter idéia do que seja a produção de conhecimento (Idem, 2004, p. 14).

Portanto, sem a reflexão epistemológica, não só é impossível delimitar uma singularidade para a Comunicação, como também torna-se impossível estabelecer quais teorias são realmente pertinentes ao campo da Comunicação – o que, no final das contas inviabiliza uma história das Teorias da Comunicação.

### **Apontamentos finais**

No início deste artigo, uma frase de Keith Jenkins marca nossa posição em relação a tudo aquilo que foi exposto: a história está longe de ser uma coisa simples e bastante óbvia. É essa história que não é simples nem óbvia, como parece ser muitas vezes, que propomos para as teorias da Comunicação. Ao reivindicar um novo olhar –



baseado na reflexão epistemológica sobre a área da Comunicação –, sobre as teorias da Comunicação e sobre sua história, o que queremos dizer é justamente isso: enquanto essa história for tratada como uma obviedade, pouco ela poderá acrescentar. É preciso rever, inicialmente, o que consideramos o campo da Comunicação, quais são seus limites, seu objeto, seu lugar específico no tecido das Ciências Sociais. Definido um lugar para a Comunicação e um lugar para os saberes instituídos sobre essa Comunicação, podemos, enfim, remodelar as bases para uma história das teorias da Comunicação. Como afirma Hanno Hardt em seu artigo sobre Comunicação e História, “A história é mais do que a reconstrução do passado; é a experiência de seu efeito e de uma articulação de uma confrontação com o passado <sup>16</sup>” (Hardt, 2002, p. 111).

Portanto, não se trata, somente, de apontar qual teoria é ou não é pertinente à área da Comunicação, mas de estabelecer critérios que permitam justificar essa escolha. Não há como se fazer história sobre algo que não se sabe o que é. Assim, só podemos lançar um novo olhar sobre o corpus teórico da Comunicação se, em primeira instância, estipularmos a própria singularidade da área. Destarte, o passado não será o que costuma(va) ser.

---

<sup>16</sup> No original: “History is more than the reconstruction of the past; it is the experience of its effect and an articulation of such a confrontation with the past”. Tradução sugerida pela autora.



## Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Carlos. “Correntes teóricas de estudo da comunicação”. In: *Verso e reverso*. São Leopoldo: Unisinos, 2007, nº46.
- BALLE, Fracis. *Historia de los estudios sobre medios*. Comunicación e Sociedad. Bogotá: TM Editores, 1994.
- BELTRÃO, Luiz. *Subsídios para uma teoria da comunicação de massa*. São Paulo: Summus, 1986.
- BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da informação e da comunicação*. Bauru: Edusc, 1999.
- HARDT, Hanno. “Introduction: communication and the question of history”. In: *Communication Theory*. Montreal: University de Montreal, 2002, nº29, pp.130-136.
- HOHLFELDT, Antonio.; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (orgs.), *Teorias da Comunicação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.
- MARTINO, Luiz C. “Contribuições para o estudo dos meios de comunicação”. In: *Revista Famecos*. Porto Alegre: PUC-RS, 2000, nº 13, pp. 103-114.
- MARTINO, L. C. “História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional”. In: *E-COMPÓS*, www.compos.org.br, v. 1, p. 1-22, 2004.
- MARTINO, L. C. “Cepticismo e Inteligibilidade do Saber Comunicacional”. In: *Galáxia Revista do Ppg Puc Sp Em Comunicação e Semiótica*, São Paulo, v. 5, p. 53-67, 2003.
- MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MARQUES DE MELO, José. *História do pensamento comunicacional*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MIEGE, B. *O pensamento comunicacional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- TERASON, Sid. “Communication study in the 20<sup>th</sup> century: milestones and trends”. In: *The Journal of the Royal Institute of Thailand*. Bangkok: Chulabhorn Research Institute, 2005, nº30, pp.131-136.
- WAHL-JORGENSEN, Karin. “How not to found a field: new evidence on the origins of mass communication research”. In: *Journal of Communication*. Oklahoma: Universidade de Oklahoma, 2004, nº54, pp.547-564.
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editora Presença, 1985.